

A matemática dos candidatos

Carlos Chagas

Brasília — A exatamente uma semana da convenção do PDS que vai escolher o candidato do partido à sucessão presidencial, deflagrou-se uma verdadeira guerra de números entre o deputado Paulo Maluf e o ministro Mário Andreazza. Os dois postulantes ao cargo cantam vitória antecipada, ambos garantindo abater o adversário com uma vantagem de 200 votos. Mas este não é o único ponto comum entre eles, que procuram também minimizar a Frente Liberal do partido do Governo e desacreditar a candidatura do governador Tancredo Neves.

Embora até aqui tenham se revelado infrutíferos todos os esforços para dissuadir os frentistas, tanto Maluf como Andreazza apostam que o movimento refluirá após a convenção do dia 11. Se não em sua totalidade, pelo menos boa parte dos dissidentes com direito a voto no Colégio Eleitoral, onde não se inclui o vice-presidente Aureliano Chaves, desistiria da aventura de apoiar a candidatura do governador mineiro. Nenhum fato concreto autoriza essa previsão por parte do deputado Paulo Maluf, causa e origem da dissidência, enquanto o ministro Andreazza tem motivos para alimentá-la.

Confirmada a indicação do ex-governador de São Paulo como candidato oficial do PDS à sucessão presidencial, pelo que torce a Frente Liberal, a dissidência estará cristalizada, passando a receber novas adesões de peso, como a do líder governista Nelson Marchezan. Se vencer Mário Andreazza, a Frente Liberal e o seu candidato mineiro terão motivos para preocupações, pois deixarão de contar com o apoio da maioria dos governadores atualmente comprometidos com a candidatura ministerial. Nessa hipótese, não se deve desprezar a possibilidade de baixas na Frente Liberal, pois não são todos os seus integrantes que fazem restrições ao ministro do Interior, embora considerem politicamente semelhantes os dois candidatos da legenda oficial. As diferenças entre eles, na convicção de frentistas, se resumiriam a aspectos pessoais, insuficiente para tornar atraente uma candidatura.

Mais exposto e descontraído pelo seu próprio temperamento, o ministro do Interior não enfrentaria o mesmo grau de hostilidade entre companheiros de partido despertado pela personalidade do deputado Paulo Maluf. Como base nessa particularidade, é que os andreazzistas acreditam na possibilidade de unir o partido em torno do nome do ministro do Interior, caso seja ele indicado candidato oficial para disputar a sucessão do general Figueiredo.

Mas enquanto tudo não passa de suposições, os números não batem e não é difícil perceber que alguém está blefando, abstraída a hipótese de o triunfalismo dos candidatos ser decorrente de estratégia de marketing político. Não se sabe se o blefe parte dos eleitores, que buscariam agradar aos dois candidatos com promessas idênticas, ou deles próprios, empenhados em firmar a imagem da vitória. A verdade é que feitas as contas com bases nos dados divulgados pelos dois candidatos, constata-se a existência de mais votos do que os cargos partidários e as pessoas físicas dos convencionais podem produzir, a despeito de haver eleitor com sufrágio múltiplo.

O deputado Paulo Maluf tenta aparentar segurança e confiança no sucesso de sua candidatura, mas a atuação de sua tropa de choque no Congresso, que busca desesperadamente conter os avanços da Frente Liberal põe em dúvida o seu triunfalismo, que não passaria de mero recurso. O ex-governador paulista alardeia dispensar

expedientes jurídicos para vencer no Colégio Eleitoral, mas enquanto isso alguns dos mais ortodoxos malufistas debatem-se à procura de fórmulas para impedir a prática do voto infiel no colégio, inviabilizar a candidatura do senador José Sarney na chapa do governador Tancredo Neves e até cassar o mandato dos frentistas, sob alegação de descumprimento de diretriz partidária.

Esta, aliás, é manobra que pode sair pela culatra, pois o que não serve às oposições, poderia atrapalhar a candidatura do deputado paulista, caso seja verdadeiro o apoio que ele assegura ter entre oposicionistas. Se houver impedimento para o voto infiel, Maluf deixaria de contar com os 22 sufrágios que garante ter no PMDB, enquanto poderia ser também prejudicado pela ausência dos frentistas no Colégio Eleitoral. Impedidos de apoiar a candidatura Tancredo Neves, hipótese que parece improvável a especialistas mais isentos, deixariam de comparecer ao Colégio, subtraindo mais de 60 votos ao malufismo. Nesse caso, os malufistas rebatem que o mesmo comportamento poderão adotar os integrantes do PMDB que apoiam a candidatura do ex-governador.

De qualquer forma, a estratégia oferece riscos. Sem o candidato próprio, tanto o PT quanto o PDT estarão liberados para votar no candidato do PMDB, que poderia até contar com votos do PTB, se a legenda revivida pela deputada Ivete Vargas ainda tiver algum resquício de dignidade oposicionista. Enquanto isso, o candidato do PDS sofreria perdas substanciais com a ausência da Frente Liberal do Colégio e não poderia compensá-la com votos dos partidos oposicionistas, à exceção dos petebistas incorporados do espírito de Judas, que procuram vender os seus votos por trinta dinheiros.

Antes disso, porém, os dois candidatos da legenda oficial terão de passar pelo crivo da convenção nacional. Para as oposições, será importante a vitória do deputado Paulo Maluf, não porque será mais fácil derrotar o ex-governador no Colégio do que a candidatura banachona do ministro do Interior. Nesse sentido, por uma dessas ironias da vida, a Nação será obrigada a torcer pela indicação da candidatura do ex-governador paulista no próximo dia 11, a despeito de todos os males que isso possa causar ao seu estômago.